

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Narrativas de Vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio

Life Narratives of Elderly Black Women from the Maria de Juvêncio Quilombola Community

Narrativas de Vida de las Ancianas Negras de la Comunidad Quilombola Maria de Juvêncio



Elisângela Carvalho Barbosa de Brito Marques

Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil
eli.direc@hotmail.com



Everton Nery Carneiro

Universidade Estadual da Bahia (UNEB), Salvador, Bahia, Brasil
ecarneiro@uneb.br

Resumo: Este artigo discute sobre as narrativas de vida das Idosas Negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, localizada no Município de Biritinga, na Bahia. Suas histórias de vida foram contadas em roda de conversa com oito idosas negras. O objetivo é analisar as narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio a partir da interseccionalidade, buscando inferir o seu legado. Para tanto, respaldamo-nos na Pesquisa Qualitativa inspirada em Minayo (2007), na Roda de Conversa segundo Afonso e Abade (2008) e na História oral conforme Alberti (2004). Quanto ao referencial teórico, destacam-se: Munanga e Gomes (2016), Davis (2016), Carneiro (2011), Benjamim (1985), Jesus (2014) e outros.

Evidencia-se que as vidas das idosas negras foram repletas de negatividades e sofrimentos, os eixos da interseccionalidade e o legado da escravidão, tais como exclusão, desigualdades sociais e as discriminações, estiveram presentes em toda sua vida.

Palavras-chave: Interseccionalidade; Narrativa de vida; Idosas Negras.

Abstract: This article discusses the life narratives of the elderly black women from the Quilombola community Maria de Juvêncio, located in the city of Biritinga, Bahia. Their life stories were told during a group conversation with eight elderly women. The research's main goal is to analyze the life narratives of the elderly black women of the Quilombola community Maria de Juvêncio from an intersectionality point, as a way to infer their legacy. To this end, we'll make use of a *Qualitative Research* to support our findings inspired by Minayo (2007), on *Roda de Conversa* by Alfonso and Abade (2008) and oral history by Alberti (2004). As for the theoretical framework, the following stand out: Munanga and Gomes (2016), Davis (2016), Carneiro (2011), Jesus (2014). It is evident that the lives of elderly black women were full of negativities and suffering, the axes of intersectionality and the legacy of slavery, such as exclusion, social inequalities and discrimination, were present throughout their lives.

Keywords: Intersectionality; Life Narrative; Elderly Black Women.

Resumen: Este artículo discute acerca de las narrativas de vida de las Ancianas Negras de la *Comunidad Quilombola Maria de Juvêncio*, ubicada en el Municipio de *Biritinga*, en Bahia. Sus historias de vida fueron contadas en rueda de conversación con ocho ancianas negras. El Objetivo de este estudio es analizar las narrativas de vida de las ancianas negras de la *Comunidad Quilombola Maria de Juvêncio* mediante la interseccionalidad, tratando de comprender su

legado. Para eso, nos apoyamos en la Investigación de Sello Cualitativo inspirada por Minayo (2007), la Rueda de Conversación consonante Afonso e Abade (2008) en la Historia Oral consonante con Alberti (2004). Acerca del referencial teórico, destacamos: Munanga e Gomes (2016), Davis (2016), Carneiro (2011), Benjamim (1985), Jesus (2014). Demuestrase que la vida de las ancianas negras estuvieron llenas de negatividades y sufrimientos, los ejes de la interseccionalidad y el legado de la esclavitud, tales como exclusión, desigualdades sociales y prejuicios, siempre formaron parte de sus vidas.

Palabras clave: Interseccionalidad; Narrativa de vida; Ancianas Negras.

Data de submissão: 30/09/2022

Data de aprovação: 14/12/2022

Introdução

O referido artigo concentra-se nas narrativas de vida das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio. Trata-se de uma longa história, em que iremos abordar as lutas e resistências das populações negras, sofrimento que começou com a escravidão. Os negros e negras de hoje carregam consigo uma herança passada de geração em geração e, infelizmente, esses eixos das opressões, tais como o racismo¹ e o preconceito², não se desgarraram desses povos invisibilizados.

Akotirene (2020, p. 37) assevera que “pretos e pretas são pretos e pretas em qualquer lugar do mundo”. Assim, a cor da pele ainda prevalece nas relações sociais, prejudicando o direito de ir e vir, em razão de suspeitas maldosas que os classificam pelas características fenotípicas e não pelo caráter que possuem.

Entretanto, nesse movimento de luta contra o racismo e o preconceito, as populações negras seguem sofrendo as manobras racistas que anulam o autoconhecimento do negro. Porém, essas mazelas não deixarão de existir se não ampliarmos a discussão em nossa sociedade, a fim de

¹ O racismo “é um comportamento, uma ação resultante da aversão, por vezes, do ódio em relação às pessoas que possuem um pertencimento racial observado por meio de sinais, tais como cor da pele, tipo de cabelo, formato do olho etc. Ele é resultante da crença de que existem raças ou tipos humanos superiores e inferiores, a fim de tentar impor um único e verdadeiro modelo. Exemplo são as teorias raciais que serviram para justificar a escravidão no século XIX, a exclusão dos negros e a discriminação racial” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 179).

² O preconceito racial é o juízo baseado em estereótipos acerca de indivíduos que pertencem a um determinado grupo racializado, e que pode ou não resultar em práticas discriminatórias (ALMEIDA, 2020, p. 32).

combater esse “vírus” do preconceito³ que vai se alastrando e contaminando quem está ao redor.

Lamentavelmente, nem todos se incomodam com o racismo e o preconceito, por acreditarem que esses atos deixaram de existir há tempos ou simplesmente por ignorarem sua existência. Nesse viés, muitos acreditam que os negros e negras, pela cor da pele, devem estar subordinados às populações de pele branca. Nesse sentido, em uma condição de vulnerabilidade social sua emancipação torna-se mais difícil.

No intuito de combater essa proliferação de sentimentos e atitudes racistas e preconceituosas, vários movimentos sociais foram se formando para denunciar e tornar esses atos de preconceito públicos em nossa sociedade. Essas denúncias vêm de longas datas, desde lutas⁴ e resistências⁵ contra aqueles que negativam os negros e negras até chegar aos movimentos negros contemporâneos. O ranço escravista perdurou por longos anos, os fatos históricos aconteceram para que os movimentos ganhassem força e reconhecimento em nossa

³ “O preconceito é como um vírus. Ele contamina as pessoas, e elas nem percebem que estão infectadas. Será que você foi contaminado pelo “vírus” do preconceito? É muito fácil reconhecer quando os outros são preconceituosos. Mas pode ser difícil reconhecer isso em nós mesmos. Na verdade, de uma maneira ou de outra, todos nós somos um pouco preconceituosos. David Williams, professor universitário de sociologia, explica que, quando alguém tem um ponto de vista negativo sobre certo grupo, vai tratar as pessoas daquele grupo de maneira diferente sem nem perceber isso”. Disponível em: www.jw.org/pt/biblioteca/revistas/despertai-no3-2020-nov-dez/preconceito-sera-que-voce-contaminado/. Acesso em: 31 jan. 2022.

⁴ Ação de lutar. Combate corpo a corpo, sem armas. Batalha peleja. Antagonismo, conflito. Esforço, empenho (XIMENES, 2022, p. 592).

⁵ Ação ou efeito de resistir. Força que se opõe a outro, anulando em parte ou todo seu efeitos (XIMENES, 2022, p. 813).

sociedade. Dentre eles, destaca-se a Revolta da Chibata, movimento ocorrido no século XX, na Baía do Guanabara, no Rio de Janeiro, onde marinheiros levavam chibatadas como castigos⁶.

O Decreto de nº 3 de 16 de novembro de 1889, um dia após a Proclamação da República, extinguiu os castigos corporais na armada, mas em novembro do ano seguinte o Marechal Deodoro da Fonseca, contraditoriamente, tornou a legalizá-los: “Para as faltas leves prisão e ferro na solitária e pão e água: faltas leves repetidas, idem idem por 6 dias; faltas graves, 25 ‘chibatadas’” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 110).

A Revolta da Chibata não ficou esquecida. Hoje, é tema de uma música que revela o seu significado na história do Brasil. É o mestre-sala dos mares de João Bosco e Aldir Blanc, conforme este trecho da canção: “Há muito tempo nas águas da Guanabara/ O dragão no mar reapareceu/ Na figura de um bravo feiticeiro/ A quem a história não esqueceu/ Conhecido como navegante negro/ Tinha a dignidade de um mestre-sala [...]” (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 113).

O mestre sala, na verdade, estava lutando para conquistar a dignidade na vida; apesar de estar nadando contra a correnteza, lutou até o fim, pois deixou um legado de luta e resistência contra os dominantes. Os eixos de opressão colonial estavam, diuturnamente, presentes na jornada de João Candido; é assim também contra as

⁶ Texto disponível em *O negro no Brasil de Hoje* (MUNANGA; GOMES, 2016, p. 108-111).

populações negras da nossa atualidade, eles “nadam contra a corrente” para não serem esmaecidos por aqueles que pensam que os negros e negras não existem.

Outro movimento com caráter de denúncia surgiu no ano de 1944, na cidade do Rio de Janeiro, o Teatro Experimental Negro (TEN). Esse grupo foi fundado por Abdias do Nascimento e teve como objetivo abrir as portas das artes cênicas brasileiras para atores e atrizes negros/as, apresentando uma frente de luta focada na libertação cultural do povo negro. O poeta Solano Trindade foi uma peça principal da parte dos criadores do TEN, sendo um dos maiores poetas negros que o Brasil já conheceu, segundo menção feita pelo escritor e poeta Carlos Drummond de Andrade.

Solano Trindade também se preocupava com as questões das desigualdades sociais, enquanto algumas pessoas tinham o que comer, outras passavam fome, não sabiam o que comer. O poema *Tem gente com fome*⁷ retrata muito bem essas desigualdades que os grupos subalternizados vivenciam, há denúncias em suas letras.

O poema de Trindade apresenta as desigualdades sociais presentes em nossa sociedade, tais como: má distribuição de renda, exclusão em diversos programas sociais, a falta de oportunidade de emprego, moradia, saúde e educação para quem mais necessita (os subalternizados), principalmente quando se refere às populações negras da

⁷ Poema do poeta recifense Solano Trindade, composto em 1944. Disponível em: <https://www.correiobrasiliense.com.br/opiniaio/2021/03/4914162-artigo-tem-gente-com-fome.html>. Acesso em: 11 maio 2021.

nossa sociedade. Nessa caminhada, os movimentos negros se juntam para denunciar, fortalecer e alcançar um objetivo: o respeito e a equidade para todos, sejam mulheres ou homens negros.

Nesse viés, nas organizações do movimento negro brasileiro as mulheres negras tiveram um papel importante na história. Porém, apesar das metamorfoses em todo o mundo, a mulher negra ainda era marcada pela discriminação: ser mulher em uma sociedade machista e ser mulher numa sociedade racista (MUNANGA; GOMES, 2016).

As instituições não governamentais (ONGs) também têm a presença de mulheres negras em várias frentes: para realizar trabalhos de denúncias contra o racismo, cursos, palestras, projetos e debates sobre educação sexual, saúde reprodutiva, doenças sexualmente transmissíveis, dentre outras.

As vozes das nossas antepassadas, com suas dores e lutas, ainda ecoam entre nós e servem de exemplo para que não desistamos dos objetivos de construir uma sociedade digna para todos e todas. O crescimento dos movimentos negros em nossa sociedade validam as ações e as práticas antirracistas em nossa sociedade e os movimentos de denúncia contra o racismo e preconceito contra homens e mulheres negros/as. Nessa caminhada, para chegar à formação dos grupos sociais existentes hoje, homens e mulheres negras tiveram que enfrentar vários obstáculos para formar alianças e combater os atos que aterrorizam os negros e negras, portanto, herança da escravidão.

Carneiro (2011, p. 15) retrata que “uma das heranças da escravidão foi o racismo científico do século XIX, que dotou suposta cientificamente divisão da humanidade em raças e estabeleceu hierarquias entre elas, conferindo-lhes estado de superioridade ou inferioridade naturais [...]”. Corroborando a autora, essa divisão de classes trouxe uma negatividade contra as populações de minoria social, porque essa estruturação de classificação fortaleceu o racismo e o preconceito contra os povos mais vulneráveis.

A herança da escravidão, até hoje, reverbera em nossa sociedade. Crianças, jovens, adultos e idosos negros são os que mais sofrem com as consequências dessas mentes fechadas contra o preconceito e o racismo. Entretanto, a fim de analisar sobre quem mais sofre, os idosos negros, destacamos as idosas negras, pois elas sofreram e sofrem por serem mulheres, negras e idosas nesse sistema global colonial patriarcalista. As mulheres negras vivem um entrelaçamento de invisibilidade. Ribeiro (2019) destaca que:

A história tem nos mostrado que a invisibilidade mata, o que Foucault chama de “deixar viver ou deixar morrer”. A reflexão fundamental a ser feita é perceber que, quando pessoas negras estão reivindicando o direito a ter voz, elas estão reivindicando o direito à própria vida (RIBEIRO, 2019, p. 42).

Endossando as palavras da autora, a invisibilidade negativa aos poucos, pois quando se é ignorado na sociedade deixa-se de ter seus direitos, como: educação,

segurança, saúde, entre outros. Por essa invisibilidade, as pessoas negras acabam gritando para que sejam ouvidas e tenham seus direitos garantidos. Portanto, esses direitos tornam-se ainda mais negligenciados quando os sujeitos vão ficando mais velhos.

Benjamin (1985, p. 205) nos ensina que “contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, e ela se perde quando as histórias não são mais conservadas. Ela se perde porque ninguém mais fia ou tece enquanto ouve a história [...]”. Faz-se necessário escutar e valorizar essa arte que é tão valiosa em nossas vidas, quando escutamos as histórias viajamos junto com o contador e podemos viver juntos esse momento tão importante para quem conta.

Com efeito, o artigo possui uma metodologia qualitativa e bibliográfica tipo da pesquisa história oral (MINAYO, 2007). Assim sendo, com base em Albert (2004), trata-se de um “método de análise e como procedimento de coleta de dados”; de acordo com Ricoeur (1976), uma análise interpretativa compreensiva; com Afonso e Abade, busca-se reinventar as rodas; sobre a Técnica de coleta de dados baseada na Roda de Conversa, Afonso e Abade (2008) relatam que é uma forma de se trabalhar incentivando a participação e a reflexão de todos que estão participando.

Nesse caminhar, para preservar a identidade das participantes, conforme o Comitê de Ética em Pesquisa com seres Humanos, a pesquisadora e o orientador nomearam, então, as oito idosas negras Quilombolas participantes da pesquisa por nomes de flores, escolhidos por elas. Logo, as

oito idosas negras serão assim identificadas: *Acácia, Bromélia, Cravo, Flor do Campo, Jasmim, Orquídea, Rosa, Violeta*. Foram marcadas três rodas de conversa na Associação Quilombola Maria de Juvêncio, em cada roda foi discutida uma temática para estimular as narrativas.

O artigo está dividido em três seções: nesta seção introdutória, contextualizamos a pesquisa; na segunda seção, versamos a respeito das Narrativas de Vida das Idosas Negras, onde serão contadas histórias de vida; por fim, nas considerações gerais, relatamos o que a pesquisa nos deixou.

Narrativas de Vida das Idosas Negras: Vozes Femininas Entrelaçadas

Não quero saber de outra no nosso lugar de fala/ Mulher preta no poder pra poder poder/ Não pisa na minha grama, não levanta minha saia/ Mulher preta no poder pra poder poder/ Se não tem a pele preta em matriz/ Não me representas/ Se não tem cabelo crespo em raiz/ Não me representa/ Se não tem meus olhos, meus dentes, meus lábios carnudos não sabe o que diz/ Nem meu nariz, não me representa/ [...] (MOMBAÇA, 2016)⁸

Começamos este tópico com um trecho de música que fortalece a população negra, principalmente as mulheres

⁸ Mombaça Produções lança o videoclipe “Lugar de Fala”. A música trata não só do empoderamento, mas também da autoestima da mulher negra e do seu lugar de fala no contexto da discussão sobre os direitos da mulher. Cantada por elas e para elas! Composta pelo cantor e compositor Mombaça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=inRHF2R-bOU>. Acesso em: 15 dez. 2021.

negras, pois elas sofrem de várias maneiras, seja por causa do cabelo ou da sua cor. As mulheres negras precisam desse fortalecimento, precisam ter representatividade, ter orgulho do seu passado, da história, fortalecer um legado que é passado de geração em geração, valorizando seus ancestrais, visto que essa valorização do legado só é possível por conta das histórias orais que são contadas de geração em geração, registradas por meio de documentos, de modo que a História Oral representa um método de coleta de dados (ALBERTI, 2004, p. 155).

Por muitos anos as mulheres negras foram silenciadas, maltratadas, xingadas e, até mesmo, sendo tratadas como homens, tinham que trabalhar nos espaços juntamente com eles ou até mesmo em piores condições. Davis (2016, p. 29) revela que as escravas eram “substitutas de animais de carga”, assim, se estes trabalhos eram pesados demais para homens, quanto mais para uma mulher. Certamente, por serem negras eram vistas como um ser de força. Davis (2016, p. 29) ainda afirma que eram:

Obrigadas pelos senhores de escravos a trabalhar de modo tão “masculino” quanto seus companheiros, as mulheres negras devem ter sido profundamente afetadas pelas vivências durante a escravidão. Algumas, sem dúvida, ficaram abaladas e destruídas, embora a maioria tenha sobrevivido e, nesse processo, adquirido características consideradas tabus pela ideologia da feminilidade do século XIX.

Visto que conviviam juntamente com os escravos e realizavam trabalhos que eram para os homens, as mulheres negras enfrentaram várias opressões ligadas ao sistema patriarcal. Nesse sentido, as opressões ao gênero mulher vêm sendo realizadas há muito tempo. Na época da escravidão, os filhos das mulheres negras já não podiam ser crianças, pois eram obrigados a trabalhar na lavoura, perdendo, assim, sua liberdade, a fim de serem explorados para os lucros dos senhores das fazendas. Davis (2016, p. 25) afirma que “da mesma forma que os meninos eram enviados para o campo ao atingir certa idade, as meninas eram designadas para trabalhar o solo, coletar algodão, cortar cana, colher tabaco”. Infelizmente essa realidade ainda acontece em nossos dias.

No quilombo AQUIMAJU, na zona rural de Biritinga-BA, não era diferente, porque as colaboradoras da pesquisa, quando crianças, também faziam trabalho braçal e trabalhavam como se fossem adultas. Seus pais, que não tinham empregados como mão de obra, colocavam seus filhos e filhas para trabalharem desde cedo na lavoura para o sustento da família. Eles trabalhavam para o próprio pai e, assim, perdiam o desejo de estudar e de brincar como toda criança tem o direito. No bojo do trabalho, as meninas e os meninos trabalhavam em pé de igualdade, sem separação de gênero, elas não eram tratadas com zelo. Para estas mulheres negras, a realidade da escravidão perdurou nelas e continuaram a fazer esses trabalhos difíceis de lavoura. O homem, por ser forte, trabalhava mais, mas as mulheres

negras eram obrigadas a trabalhar como se fossem do gênero masculino. Como consta nos seguintes relatos:

Meu pai e minha mãe sempre me tratou bem, comecei a trabalhar com 14 anos na roça plantando feijão, pegava cestas de mandioca, pela manhã eu ai bisolhá fumo, todos trabalhavam na roça. Eu era trabalhadeira, ligeira, ele me acordava cedo pra me levar pra roça pra bisolhá fumo, celma de fumou as monoquinhas (charutinhos) pra vender e ter o sustento em casa. (JASMIM, 2022).

Minha vida foi trabalhar, não tive infância, meu pai me colocava pra trabalhar, aí ficava trabalhando na roça e não ia pro colégio. Na roça eu trabalhava limpando mandioca, pegava peso, trabalhava na enxada, fazia feixe de lenha tudo que meus irmãos fazia eu fazia também. (ROSA, 2022).

Minha vida foi trabalhando. Eu comecei a estudar, mas meu pai me tirou pra trabalhar na roça limpando mandioca, prantando ração. Eu ia para formigueiro pegar balde de água. (FLOR DO CAMPO, 2022).

Minha vida... eu fui criada com minha tia. Levava roupa, para o ganho. Eu ia ajudar ela pra ajudar e ainda ajudava meu pai no tabuleiro pra vender e para dar comida aos meninos eram muitos fios. Ele dizia, Acácia, você vem hoje pra a gente ir pro tabuleiro. Nois ia, pra catar mangaba. (ACÁCIA, 2022).

Verificamos que, na sua infância, estas idosas passaram por muita crueldade, uma vez que algumas delas

tiveram que abandonar o espaço escolar para trabalhar nas lavouras, nos campos ou em outros lugares, por seus pais terem muitos filhos tinham que começar cedo a ajuda para colocar comida em casa, tendo em vista sustentar suas famílias e não morrerem de fome. É importante frisar que as histórias orais aqui reveladas são de idosas negras que viveram toda essa trajetória de vida incorporada aos meios de sofrimentos e amarguras.

Nesse caminhar, depois de muita luta, não tiveram oportunidade no decorrer de suas vidas, pois os espaços de empregos e de educação se desviaram dessas sofredoras, mas mulheres negras. Contudo, isso diverge do que informa a Constituição de 1988⁹, ao asseverar que a “educação é um direito de todos”, sendo assim, sem os estudos a vida se torna mais difícil no momento de conquistar um lugar no mundo do trabalho.

Segundo Davis (2016, p. 97), “[...] de acordo com o censo de 1890, havia 2,7 milhões de meninas e mulheres negras com idade acima dos dez anos. Mais de 1 milhão delas eram trabalhadoras assalariadas: 38,7% na agricultura, 30,8% nos serviços domésticos, 15,6% em lavanderias [...]”. Este índice nos leva a perceber que sem a educação as oportunidades escapam pelas mãos de todos. Observamos os relatos que ilustram estas narrativas:

⁹ Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. Disponível em: [CONSTITUIÇÃO FEDERAL 1988 – ARTIGOS 205, 206, 208, 212, 214 \(sinesp.org.br\)](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 10 fev. 2022.

Por não ter estudado, ficou tudo difícil, porque se eu estudasse poderia ter arrumado um trabalho. Sabia ler, ir para os lugares. Não precisava pedir para as pessoas, vai fulana me mostre algum lugar Pegar as coisas, não sabe o preço, não sabe quanto que custa, pega a mais. Agora que estou sabendo as letrinhas. Não sabia o que era um A, B, C... agora eu pego e vou soletrando, melhorou um pouquinho, estudo na EJA da Comunidade. Às vezes eu trocava o documento, levava os dos meninos, saía e colocava na bolsa pensando que era o meu, quando eu chegava no lugar, não era o meu, era dos meninos. Hoje eu pego e sei qual é o meu o CPF, cartão dos SUS. O que mudou foi isso! (BROMELIA, 2022)

O que me atrapalha é o fato de eu não ter me formado, não tenho um emprego, nem salário, não tenho como ajudar o marido, tudo é o marido, se eu estudasse, tivesse uma faculdade, tinha um emprego, dar uma vida melhor pra os filhos. (CRAVO, 2022).

Não me formei, meu pai não tinha de tudo, eu queria uma sandália não tinha como me assumir. Eu tinha que trabalhar para me manter eu sofri muito, sofri porque sou mulher. (JASMIM, 2022)

Eu estudei, se meu pai pagava um mês, eu estudava, quando ele não pagava eu não estudava, estudava na escola do tabuleiro. Eu aprendi assinar meu nome, um nome fácil eu soletro. Sei escrever um pedaci. Um A, C, C, O... Eu não sei a ler, mas sei assinar, o juízo não deu. (ORQUÍDEA, 2022).

Eu estudei pouco, meu pai não deixava estudar, casei cedo, tenho dois filhos. (ROSA, 2022).

Meu pai me castigava muito, tirava da escola pra não estudar. (FLOR DO CAMPO, 2022).

Trabalhei em casa de famia como empregada doméstica. Levava roupa, para o ganho. (ACACIA, 2022).

Trabalhadora doméstica. (VIOLETA, 2022).

Nas narrativas de vida, fica evidente que os sistemas de opressões reverberam em suas histórias. Quando se retira o direito de uma criança ao estudo, nega-se também o direito de sonhar em conquistar uma vida de qualidade. Essas marcas de negatividade foram profundas e até hoje sentem as dores deixadas pela escravidão.

É possível constatar que, pela falta de oportunidade de estudar, não tiveram muito progresso na área do trabalho, conseqüentemente não tiveram chance de um salário digno para a sua sobrevivência e de seus familiares, sendo assim, acabaram pertencendo à classe dos vulneráveis. No percorrer das histórias os relatos ficavam cada vez mais

impactantes, desde a infância até a fase adulta destas idosas negras verifica-se uma vida conturbada atravessada pela interseccionalidade.

Além do racismo e do preconceito que as mulheres sofrem diariamente, elas enfrentam o sexismo que ultrapassa as barreiras do racismo. Carneiro (2011) nos afirma que:

O mapa da população negra no mercado de trabalho que oferece os seguintes dados: em Salvador, por exemplo, uma das cidades de maior concentração da população negra do Brasil a taxa do desemprego da população economicamente ativa está assim distribuída: entre as mulheres negras é da ordem 27,6% contra 24,0% para os homens negros, 20,3% para as mulheres brancas e 15,2% para os homens brancos. Em São Paulo, a taxa de desemprego encontradas foram de 25% para as mulheres negras, 20,9% para os homens negros, 19,2% para as mulheres brancas e 13,8% para os homens brancos. (CARNEIRO, 2011, p. 129).

Nota-se a desigualdade entre homens e mulheres, em especial as mulheres negras. Estas, negativamente, encontram-se em posição de inferioridade em todos os sentidos, como mostram os dados da citação anteriormente mencionada, sobre as cidades de Salvador e São Paulo em relação ao desempenho. Carneiro (2011, p. 128) ainda revela que “as mulheres negras ocupadas em atividades manuais perfazem um total de 79,4%. Destas, 51% estão alocadas no

emprego doméstico e 28,4% são lavadeiras, passadeiras, cozinheiras, serventes”.

Os homens brancos tendem a receber um valor salarial diferenciado, sendo mais que os homens negros – com as mulheres não é diferente. Carneiro (2011) mostra como os salários são distribuídos: “o homem branco ganha: 6,3 salários mínimos; a mulher branca, 3,6; o homem negro, 2,9; a mulher negra, 1,7”.

Carneiro (2011, p. 127) informa que: “o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre a vida, que se manifesta em sequelas emocionais com danos à saúde mental e rebaixamento da autoestima [...]”. É o que verificamos quanto à saúde mental das colaboradoras da pesquisa, as idosas negras do quilombo, uma vez que passaram por momentos emocionais muito fortes em determinados momentos das suas vidas, como mostram em suas narrativas nas rodas de conversas:

O Marido era bom comigo, mas depois começou a ficar ruim. Nós vivíamos nos tapas, bebia, xingava, jogava comida no mato dizia que não tinha. É isso aí, eu não queria dar meu corpo mole, para ele não bombar. Tive muitas brigas, apanhei de um policial por causa da rapariga do meu marido. Quando a policial chegou disse: Umbora, não matei e nem roubei, estou em minha razão, “Espinho” nome do policial colocou os três na chave, falou: Me dê à mão, eu tome. Bata! Me deu 3 tapas mas mãos. Eu disse: pode bater, você batendo em uma mulher. Ai! Já sofri de brinquedo. Já sofri mais que subaco de alejado! O marido ia beber cachaça, chegava em casa riscava fogo na verdadeira briga, ele me batia, nós se linhava. Ele dizia: vai vagabunda, me dava macho, agora vou pegar, venha macho! Venha macho! Eu ia pra cima, nois se limenho, tinha um sofá veio, tinha um broco ele pegou minha cabeça pra botar dentro, Deus não deixou. Ele falou: Pera que vou lhe matar! O coração batia aqui do lado! Puff, Puff!. Se me pega agora ia me matar, aí eu corri. Hoje estou feliz, se estivesse vivo estava sofrendo!!! (BROMELIA, 2022).

No começo meu marido foi bonzinho, no meio de lá pra cá começou a ficar ruim. Procurei a justiça porque chegava em casa perturbando pegava a faca para cortar as minhas filhas e eu, separei dele, me batia muito. Teve uma vez, que ele veio pra me bater, eu cortei a cara todinha dele no chão. Ele saía de plano a beber e bagunçar. Ele vinha pra me bater, eu pegava uma pedra e ele correndo, dizendo eu volto. Eu não aguentava mais e pedi para me separar. Ele pegou um facão pra cortar minhas filhas, eu liguei pros home. (JASMIM, 2022).

Quando não eram opressões físicas, partia-se para opressões psicológicas...

Só tinha marido para fazer o fio. Quando falava fulana tá grávida já não se via mais a cara do homem, ele fugia. Eu estou em pé, porque não bebei, não farreava. Eu hoje não valo um caco de pipoca! Tem dias que tou boa tem dias que estou rui. São 65 anos de sofrimento!! Ele nunca me bateu. (ORQUÍDIA, 2022).

Até que meu marido era bom, não deu certo e deixei ele. (ROSA, 2022)

Marido bebia muita cachaça. Mas... Nunca me judiou não. (ACÁCIA, 2022).

Quando pensávamos ter ouvido de tudo na roda de conversa, fomos impactados com a narrativa de Flor do campo:

Casei cedo, quando o marido começou a me bater, eu larguei. Me batia e me trancava em casa e ia pra venda. Quando a mãe dele chegava, pedia pra abrir a porta ele abria e eu corria. Me batia muito. Ele pegava às muler pra espancar. Eu fiquei com ele, mas a mãe dele disse que era pra eu mi picar, e eu mi piquei a perna. Fui embora pra minha mãe. Me batia muito. Ele só batia em mulher. Ele arranhou a primeira e ela largou, eu peguei meus pais não quis, eu fiquei fui pra onde ele tá, já tinha me perdido com ele. Homem beberrão bebia pra judiar as muler. Me humilhava muito. (FLOR DO CAMPO, 2022).

As diferentes formas de narrativas de vida apresentadas anteriormente evidenciam que tanto as opressões interseccionais quanto o sexismo se fazem presentes na vida dessas idosas negras, de modo que os homens desejam que as mulheres estejam submissas a eles. A perversidade presente nas narrativas torna-se cada vez mais forte, entretanto muito sensível ao revelarem suas histórias de lutas e resistências durante todos esses anos.

Na mesma linha, estas narrativas possuem um valor incomparável, porquanto é através delas que suas histórias vão ganhando força para serem multiplicadas e valorizadas. Esse legado servirá para que as futuras gerações, tanto da comunidade quilombola como fora dela, se conscientizem de todos os sofrimentos que as mulheres negras passaram e passam, imaginando os sofrimentos que uma mulher idosa negra quilombola vivencia ao longo dos anos.

Tecendo as narrativas das idosas negras quilombolas nas rodas de conversas, elas também possuem um desejo de que seus descendentes possam viver dias melhores, não passem pelos sofrimentos que elas passaram durante a vida. De forma semelhante aos pensamentos das idosas negras, vamos ao encontro de Freire: “esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Prescindir da esperança na luta para melhorar o mundo” (FREIRE, 1992, p. 05).

Após nos alimentarmos com a esperança freiriana, vejamos nos relatos as esperanças que as idosas negras quilombolas relataram:

Eu quero que eles procurem o caminho bom, o mau não é procurar. Trabalhar, ser honesto não pegar nada dos outros, não andar na malandragem é isso que quero. A sociedade precisa esquecer do racismo e preconceito, não colocar apelidos nenhum em outro, não chamar o outro de negra, ser honesto, é isso que eu quero, foi isso que meu pai minha mãe me ensinou a pensar antes de falar as coisas respeitar todos. (BROMELIA, 2022).

A sociedade precisa ter respeito com outro. Por que acha que a gente somos negro? Como a gente vê aí governantes, quando estão nas políticas dá prioridade aos grandões e esquece dos pobres, esquece da gente. Os negros! Porque a gente somos negro eles não dão prioridades, só aos branco, os deles. Esquece da gente. Às vezes eu vejo muitas mães e família precisado do trabalho e eles dão. Governança dão prioridade aquelas pessoas da cor deles. Como diz, aqueles grandão igual a eles esquecem da gente. Quando chego tempo todos ajudam a eles o branco, negro, pobres e os rico. Porque ele só olha pra gente em 4 em 4 anos, a gente ver muito isso. Esquecendo da gente, da sociedade e escola!!!! (CRAVO, 2022)

Queria ver minha família nas mãos de Deus em paz de Jesus. Ninguém é melhor que ninguém. O dono do mundo é Jesus. Eu sempre dou conselho aos meus filhos. (JASMIM, 2022).

Eu quero uma vida melhor para nossos filhos não passem os problemas que os mais velhos passaram a dificuldade na vida. Porque minha situação quando eu tive eles, era pior, era tão difícil a vida. Eles têm que escolher a vida deles, se segue o melhor ou pior. (ORQUÍDIA, 2022).

Eu quero que meus netos cresça pra trabalhar e mais tarde ter uma casinha dele pra ficar juntos de mim. Não quero que ele fique na porta do bar para bebendo, o bar é violento, né? Tem que trabalhar, respeitar a sociedade. ROSA, 2022).

Respeito e Educação. (FLOR DO CAMPO, 2022).

Boa criação, trabalhar, respeito. (ACÁCIA, 2020).

Dentre as narrativas apresentadas, com desejo de esperança Freiriana para as futuras gerações, Cravo nos chama muito a atenção, com uma narrativa muito potente, forte e que aparenta um desabafo pelo descaso por parte dos governantes. Revela que só procuram os mais pobres quando precisam; depois que conseguem o que querem, somem.

Quantas pessoas iguais a Cravo não existem por aí? Quantas não pensam do mesmo modo? Mas, pela falta de escuta das suas vozes, ficam presas em sua introspecção, passando por tantas angústias, em silêncio. É importante escutar as populações negras, deixar que demostrem o que pensam e sentem, pois só elas sentem na pele o ranço do racismo e do preconceito.

Destacando a narrativa de Rosa, todos merecem respeito, tanto brancos como negros. A sociedade precisa entender que os negros são pessoas iguais aos brancos e que as políticas públicas precisam perpassar por todos. Para tanto, desenvolver debates em espaços formais e não formais é extremamente relevante para descolonizar padrões que foram impostos pelos colonizadores, ou seja, de que os negros devem obediência aos brancos e que só os brancos merecem respeito.

As rosas da AQUIMAJU não tiveram estudos por causa das consequências da vida que lhes fora imposta, por serem mulheres negras nessa sociedade racista e machista. Contudo, as mesmas possuem uma sabedoria que foram adquirindo ao longo desses anos de luta em sua comunidade. Estes desejos que elas narraram nas rodas de conversas são desejos de que seus netos ou familiares não passem por tudo o que já passaram.

A partir das perspectivas da História Oral, como adverte Alberti (2004, p. 155), como método de análise e como procedimento de coleta de dados, foi possível construir o conceito de narrativas orais de histórias de vida ao propor a reunião de pesquisas e produção em comunicação e inovação que relacionem memória, história, cultura, subjetividades,

Para não concluirmos e, ao mesmo tempo, corroborarmos com os pensamentos de Freire e as narrativas das Rosas da AQUIMAJU, lembramos o trecho de uma canção do Jota Quest, pois coaduna com nossas expectativas: “Vivemos esperando dias melhores, dias de paz, dias a mais, dias que não deixaremos para trás [...]”¹⁰.

¹⁰ Compositores: Marcio Tulio Marques Buzelin, Marcos Tulio De Oliveira Lara, Paulo Alexandre Amado Fonseca, Paulo Roberto Junior Diniz e Rogerio Oliveira De Oliveira. Letra de Dias melhores © Sony/ATV Music Publishing LLC. Disponível em: <https://www.google.com/search?q=musica+letra+dias+melhores+jota+quest&oq=musica+letra+dias+melhores&aqs=chr>.

O que a pesquisa deixou...

A pesquisa nos deixou uma lição: jamais o tempo irá apagar uma experiência ímpar. Os momentos desfrutados com as idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio, do município de Biritinga-BA, ofereceram uma formação de aprendizagem com suas experiências, elas não possuíam um estudo acadêmico, mas a vida lhes proporcionou uma aprendizagem conquistada dia após dia. Compartilhar e aprender. Estas são palavras em destaque na pesquisa realizada durante o processo de aplicação do projeto de intervenção. Ouvir as narrativas de vida das idosas negras nas rodas de conversas significou uma experiência fortalecedora.

A escolha do método da pesquisa não poderia ser diferente. As narrativas das idosas negras da Comunidade Quilombola Maria de Juvêncio estão intrinsecamente ligadas à metodologia História Oral de Vida (ALBERTI, 2004).

Segundo Delgado (2006), essas histórias e saberes que elas carregam podem ser uma fonte de documento para construção de conhecimento com base nas narrativas, permitindo aos pesquisadores e estudiosos serem multiplicadores dessas histórias de vidas, vividas por essas mulheres no passado, as quais sofrem, ainda hoje, com as mazelas deixadas pela escravidão.

Os relatos pessoais são vistos como narrativas dos sujeitos, artífices da própria história. A oralidade consiste na expressão de lembranças desse sujeito que aciona a sua

capacidade psíquica de rememorar, propriedade humana de conservar certas informações sobre o passado (LE GOFF, 2003).

Nas narrativas das idosas negras, verificamos que, de forma explícita, o racismo e o preconceito estavam presentes em suas vidas. Durante suas vivências, elas passaram por um sistema de vulnerabilidade em todos os sentidos, como falta de acesso à educação, trabalho e, por alguns momentos, submetidas a opressões físicas e mentais de seus companheiros.

Ressaltamos que o legado da escravidão pendurará por mais anos se a sociedade não se conscientizar e lutar para desenvolver ações antirracistas em nossa sociedade, a fim de combater as desigualdades, exclusões sociais, discriminações, preconceito e racismo que atingem a maior parte da nossa humanidade. Historicamente, os movimentos sociais precisam ganhar mais espaço nessa esfera racista e preconceituosa, pois é por meio dos movimentos negros que as denúncias dos eixos das opressões ocorrem. Essas denúncias começaram há décadas, quando vários nomes ganharam destaque por sua luta contra as mazelas sofridas pelos/as negros e negras.

Conforme discutimos, as mulheres sofrem, mas as mulheres negras sofrem ainda mais nessa sociedade racista e preconceituosa, pois são privadas de todos os direitos, são invisibilizadas por serem negras. No entanto, por meio das rodas de conversas na Comunidade Quilombola, estas idosas negras colaboraram no aquecimento dos debates

sobre racismo e preconceitos vividos pelas mulheres negras, saindo da invisibilidade para um papel de destaque nesta pesquisa.

Referências

- ALBERTI, VERENA. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. RIO DE JANEIRO: FGV, 2004.
- AKOTIRENE, CARLA. **INTERSECCIONALIDADE**. SÃO PAULO: SUELY CARNEIRO; EDITORA JANDAÍRA, 2020.
- ALMEIDA, SILVIO. **RACISMO ESTRUTURAL**. SÃO PAULO: SUELI CARNEIRO; EDITORA JANDAÍRA, 2020.
- ALBERTI, VERENA. **MANUAL DE HISTÓRIA ORAL**. RIO DE JANEIRO: FGV, 2004.
- BENJAMIN, WALTER. **O NARRADOR**. MAGIA E TÉCNICA, ARTE E POLÍTICA. ENSAIOS SOBRE LITERATURA E HISTÓRIA DA CULTURA. 1. ED. SÃO PAULO: EDITORA BRASILIENSE, 1985.
- BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. **ESTATUTO DO IDOSO** / MINISTÉRIO DA SAÚDE. – 2. ED. REV. – BRASÍLIA: EDITORA DO MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2007. 70 P. – (SÉRIE E. LEGISLAÇÃO DE SAÚDE)
- CARNEIRO, SUELY. **RACISMO, SEXISMO E DESIGUALDADE NO BRASIL**. SÃO PAULO: SELO NEGRO, 2011 (CONSCIÊNCIA EM DEBATE/COORDENADORA VERA LUCIA BENEDITO).
- DELGADO, LUCILIA DE A. N. **HISTÓRIA ORAL: MEMÓRIA, TEMPO, IDENTIDADES**. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2006.
- DAVIS, ÂNGELA. **MULHERES, RAÇA E CLASSE** [RECURSO ELETRÔNICO]. TRADUÇÃO HECI REGINA CANDIANI. 1. ED. SÃO PAULO: BOITEMPO, 2016.
- FREIRE, PAULO. **PEDAGOGIA DA ESPERANÇA: UM REENCONTRO COM A PEDAGOGIA DO OPRIMIDO**. SÃO PAULO: PAZ E TERRA, 1992.
- GOMES, EDSON. **MEUS DIREITOS**. [RESGATE FATAL. SÃO PAULO: EMI ODEON, 1995]. [ONLINE]. HENRIQUE LUIZ. YOUTUBE. 31 DE OUT. DE 2010. 3MIN38S. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=XkAr6Gei1Ms](https://www.youtube.com/watch?v=XkAr6Gei1Ms). ACESSO EM: 25 MAI. 2020.
- LE GOFF, JACQUES. **HISTÓRIA E MEMÓRIA**. CAMPINAS: EDITORA UNICAMP, 2003.
- JESUS, CAROLINA MARIA DE. 1914-1977. **QUARTO DE DESPEJO: DIÁRIO DE UMA FAVELADA**. ILUSTRAÇÃO VINÍCIOS ROSSIGNOL FELIPE. 10. ED. SÃO PAULO: ÁFRICA, 2014.

MOMBAÇA, LICA OLIVEIRA. **LUGAR DE FALA**. LUGAR DE FALA - MOMBACA - LETRAS.MUS.BR. DISPONÍVEL EM:
[HTTPS://WWW.YOUTUBE.COM/WATCH?V=INRHF2R-BOU](https://www.youtube.com/watch?v=INRHF2R-BOU). ACESSO EM: 15 DEZ. 2021.

MUNANGA, KABENGELE; GOMES, NILMA LINO. **O NEGRO NO BRASIL DE HOJE**. 2. ED. SÃO PAULO: GLOBAL, 2016 (PARA ENTENDER).

RIBEIRO, DJAMILA. **LUGAR DE FALA**. SÃO PAULO: SUELI CARNEIRO; POLÉN, 2019.

RICOEUR, PAUL. **TEORIA DA INTERPRETAÇÃO**. O DISCURSO E O EXCESSO DE SIGNIFICAÇÃO. LISBOA PORTUGAL: EDIÇÃO 70, 1976.